



CADERNO DE METODOLOGIAS INSPIRAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Colheita
e Organização:

André Biazoti,
Natália Almeida
e Patricia Tavares



associação brasileira de
agroecologia





CADERNO DE METODOLOGIAS INSPIRAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO



Colheita
e Organização:

André Biazoti,
Natália Almeida
e Patricia Tavares

coordenação



parceiros



e todos os NEAs
e RNEAs do Brasil

financiamento



SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CADERNO DE
METODOLOGIAS
INSPIRAÇÕES
E EXPERIMENTAÇÕES
NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO
AGROECOLÓGICO

Realização: ABA

Coordenação: UFV, Embrapa, UFRPE

Parceiros: Mídia Crioula e todos os NEAs e RNEAs do Brasil

Financiamento: MDA, SEAD, CNPq

Projeto “Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras” CNPq 401840 (2015-2017)

 Blog Contando Histórias

 fb.com/sistematizacaodeexperiencias

 ABA Agroecologia

 aba-agroecologia.org.br

SUMÁRIO

09	Prefácio
09	Agroecologia é um aprendizado infinito
13	Sejam Bem Vind@s
13	Como o caderno está organizado?
15	Princípios
15	Círculo de Cultura
17	Comunicação Popular
21	Processos e Cuidados
21	Preparação
23	Chegada
25	Mesa da Partilha
27s	Resíduos
29a	Relatoria
31	Acordos Coletivos
33	Metodologias Chave da sistematização de experiências
35	Rio do Tempo
37	Mate com Prosa
39	Análise Conjunta de Conjuntura
41	Matriz de Sistematização
43	Contaçõ de Histórias
45	Tatu Sonhadora
47	Texto Coletivo
49	Facilitaçõ Gráfica
51	Inspirações do movimento agroecológico
53	Instalações Artístico Pedagógicas
57	Caravanas Agroecológicas e Culturais
61	Momentos
63	Espaço Educador
65	Espelho da Alma
67	Apresentaçõ por objetos
69	Biodiversidade se Mantém em Pé
71	Bola
73	Dança Circular
75	Alongamento
77	Que bom, Que pena e Que tal
79	Cabeça, Coraçõ, Mãos e Pés
81	Barquinhos
83	Posfácio:
83	Sistematizar é mergulhar em rios de histórias
84	Agradecimentos

A Equipe de Sistematização de Experiências estimula a livre circulação do conteúdo aqui publicado. Sempre que necessária a reprodução total ou parcial do material, solicitamos que “Caderno de Metodologias/ABA-Agroecologia” seja citada como fonte.



Foi concebido e coordenado por:

Revisão e elaboração dos textos

Patrícia Dias Tavares, Natália Almeida Souza e André Biazoti (Coletivo de Comunicação Mídia Crioula)

Animação do processo de criação

Natália Almeida Souza

A partir de um bonito mutirão de escrita e sistematização realizado por:

Textos das Fichas

André Biazoti
Larissa Cabral
Luisa Melgaço
Luiza Damigo
Muriel Duarte
Natália Almeida Souza
Patricia Dias Tavares
Paquê Viola
Rafaela Dornelas Silva
Rodrigo de Avelar Machado

Virando arte das mãos de:

Projeto Gráfico e animação do processo de ilustração

Bernardo Amaral Vaz

Ilustrações

Muriel Duarte

Diagramação

Alberto Saulo

Equipe do Projeto de

Sistematização de Experiências

Coordenação Geral

Irene Maria Cardoso (UFV/ABA-Agroecologia)
Cristhiane Amâncio (Embrapa Agrobiologia/
ABA-Agroecologia)
Maria Virgínia Aguiar (UFPE/ABA-Agroecologia)

Equipe do Projeto de Sistematização

Yolanda Maulaz
Luisa Melgaço
Luiza Damigo
Natália Almeida Souza
Rodrigo Avelar Machado

Tiragem: 100 exemplares

Financiamento: MDA-CNPq Encomenda
401840/2014-0

C121
2017

Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico / André Biazoti, Natália Almeida, Patrícia Tavares (organização) - 1. Ed. - Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

84 p.: il. color.

ISBN 978-85-94436-01-6

1. Agroecologia 2. Ecologia agrária 3. Metodologias 4. Experiências I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDU: 631.95

” (...) Sobre a sistematização de experiências concluímos que devemos ser coerentes com seu sentido de fundo: não se trata tanto de olhar para trás, para nos apropriarmos do ocorrido no passado, mas, principalmente, para retirar da experiência vivida os elementos críticos que nos permitam dirigir melhor nossa ação para fazê-la transformadora, tanto da realidade que nos rodeia, como de nós mesmos como pessoas.

Isto é: sistematizar as experiências para construir novos saberes, sensibilidades e capacidades, que nos permita apropriarmos-nos do futuro”

Oscar Jara (2013)

“AGROECOLOGIA É UM APRENDIZADO INFINITO”

OS NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, experiências agroecológicas em curso em todo o país são cotidianamente protagonizadas por agricultores e agricultoras familiares, povos e comunidades tradicionais. Estas experiências, ajustadas a variados contextos socioambientais e distintos processos sócio biodiversos, demonstram a possibilidade da produção de base ecológica, em contraposição ao ordenamento social e econômico excludente que prevalece no meio rural. Estas experiências quase sempre estão articuladas em rede.

Desta rede participam um número expressivo de pessoas, dentre elas profissionais atuantes em instituições científico-acadêmicas nos núcleos e redes de núcleos de estudo em agroecologia (NEAs e R-NEAs). Os NEAs são inovações recente das instituições brasileiras e tem seus lastros nos grupos de agricultura alternativa formados nas universidades brasileiras na década de 1980. Eles são formados e coordenados por profissionais das instituições científico-acadêmicas, como as universidades públicas, institutos federais de ensino superior e empresas públicas de pesquisa, federal ou estaduais.

Os NEAs foram fomentados por meio de chamadas públicas lançadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com aporte financeiro dos ministérios envolvidos com o tema. A partir da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, por intermédio de sua Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Cnapo), os NEAs passaram a ter mais visibilidade e mais apoio.

Até então, 282 projetos de NEAs foram apoiados financeiramente e há previsão de apoio para mais 130 projetos. A estimativa é que existem no Brasil aproximadamente 150 Núcleos de Agroecologia e cinco Rede de Núcleos (um por região brasileira), que envolvem mais de 60 mil pessoas. Ao longo do tempo, os NEAs procuram garantir espaços de diálogo e o exercício da indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão, em constante e permanente interação com a sociedade. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão relaciona-se às práticas das universidades brasileiras e é um princípio orientador da qualidade da produção universitária. Compreende-se que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas a processos de formação das pessoas (processos educativos) e de geração de conhecimento. A partir do princípio da indissociabilidade, obrigação institucional pouco praticada pelas instituições científico-acadêmicas, os NEAs esforçam-se em articular a produção de novos saberes, a intervenção nos processos sociais e a ação educativa para formar cidadãos e profissionais.



As relações entre o ensino, pesquisa e extensão possibilitam ainda múltiplas oportunidades de articulação entre as instituições científico-acadêmicas e a sociedade. As comunidades e seus territórios deixam de ser meros receptáculos de conhecimentos produzidos “ex-situ” e passam a fazer parte do processo de geração do conhecimento científico. Com isto, é possível articular a agroecologia em suas dimensões práticas e científicas, que em rede e em movimento buscam as transformações necessárias na sociedade para fortalecer a agroecologia.

As estratégias conjuntas de construção de conhecimentos agroecológicos demandam um aporte metodológico que enfatize a participação de todos. Os NEAs procuram exercitar tais procedimentos metodológicos e fazer avançar a construção de conhecimentos agroecológicos demandados pelos territórios em que atuam. Nesse processo, ambientes de aprendizagem são possíveis e oportunizam novas configurações de ensino-aprendizagem em agroecologia. Estes ambientes são construídos a partir de diferentes formatos metodológicos, da diversidade dos autores e da troca de saberes. Para isto, recorrem às parcerias com organizações sociais, instituições públicas e privadas e comunidades para levar a cabo processos científicos-acadêmicos e tecnológicos com profundos lastros sociais.

De uma forma geral, pode se afirmar que os NEAs utilizam em suas ações metodologias que trazem como prerrogativa a participação dos sujeitos na construção do conhecimento. Entre as principais ações dos NEAs encontram-se as feiras, as visitas às experiências, as excursões, as semanas acadêmicas, os seminários, os intercâmbios e as caravanas culturais e agroecológicas. As preocupações com os processos comunicativos mereceram destaque nas ações dos NEAs. Eles utilizam folders, páginas no facebook, blogs, sites das universidades e a produção de vídeos. Há mais de 200 mídias instaladas para fortalecer os processos de comunicação.

As ações dos NEAs são, então, realizadas utilizando metodologias participativas que favorecem a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, o que possibilita o fortalecimento da agroecologia em suas dimensões enquanto prática, movimento e ciência. Isto porque as metodologias favorecem a criação de ambientes de aprendizados mútuos, os quais favorecem os diálogos de saberes e permitem construir relações para além da intervenção técnico produtiva nos agroecossistemas, o que significa romper com a extensão de mão única, onde o técnico e/ou o acadêmico são os detentores de saberes.

Os resultados também indicam que estes ambientes favoreceram o desenvolvimento de pesquisas com os aprofundamentos necessários para avançar com a experiência. Ainda que outras análises sejam necessárias para aprofundar o debate, já é possível afirmar que os NEAs têm cumprido o papel de fortalecer a construção do conhecimento em agroecologia e de estimular arranjos que contribuem com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Os NEAs apostam na formação continuada dos sujeitos a partir da interação com as mais distintas realidades, haja visto a diversidade de territórios e de comunidades de atuação dos núcleos. **Esta formação continuada é necessária, pois, como alertou um agricultor de Araponga (MG), a agroecologia é um aprendizado infinito.**

Os NEAs estão se tornando pontos aglutinadores de formação, de pesquisas, e ações em agroecologia que possibilitam integrar conhecimentos e processos metodológicos capazes de aproximar os diferentes conhecimentos técnicos-acadêmicos com a diversidade de saberes tradicionais, enfatizando a participação e a construção conjunta de ações. As questões de gênero, geração, étnico-raciais e opções sexuais estão presentes nas ações e reflexões de muitos núcleos, mas precisam de maiores cuidados e aprofundamentos.

Há, contudo, de se indicar, que estes são processos iniciais e que precisam ser fortalecidos por políticas públicas, atualmente ameaçadas, para que resultados mais efetivos sejam alcançados e agroecossistemas mais saudáveis sejam desenvolvidos.

Irene Maria Cardoso

Educadora na UFV

Presidente da ABA-Agroecologia (2014-2017)

Coordenadora do Projeto de Sistematização de Experiências

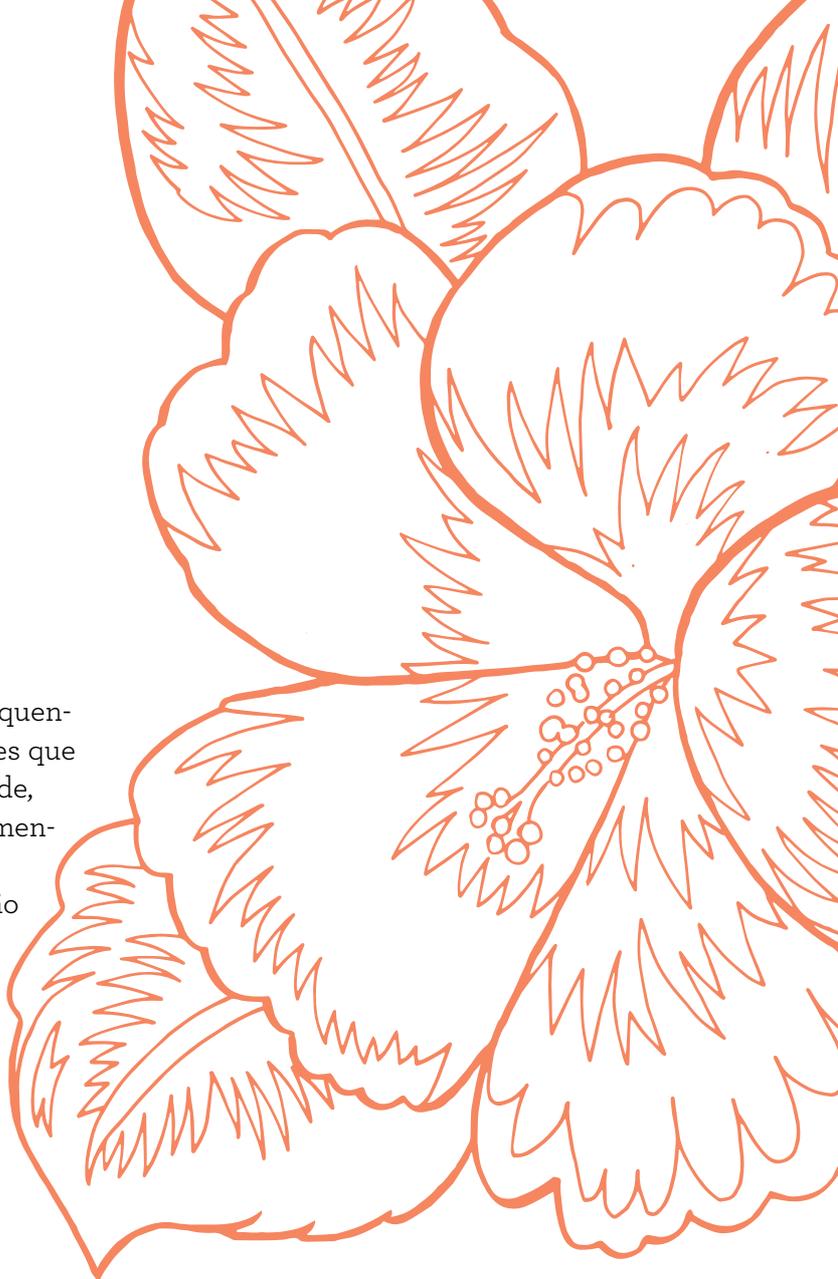


SEJA BEM VIND@!

Pode chegar mais perto! Pegue um mate quente e mergulhe no mar de possibilidades que apresentaremos aqui. Chegue com vontade, pois aqui estão guardadas algumas ferramentas poderosas para construir processos participativos de sistematização de experiências e tantas coisas mais. O caderno foi feito com muito carinho por quem vive na prática a educação popular e libertária e é destinado a você que também acredita que a educação pode construir um mundo melhor, mais justo e igualitário para todas e todas que vivem nele.

Acreditamos que a mudança é urgente e que passa por uma transformação profunda de nós mesmos, os sujeitos de transformação das nossas realidades. O corpo todo tem que estar envolvido e todos os saberes dos povos devem ser valorizados se queremos construir uma sociedade inclusiva e diversa.

Para isso, organizamos este caderno para que ele atenda as demandas de educadoras e educadores populares por metodologias práticas inspiradas nas práticas de movimentos sociais, povos tradicionais, pesquisadores, gente do povo e acadêmicos. Pegue uma almofada e se aconchegue mais perto de nós para mostrarmos o que vem pela frente.



O CADERNO DE METODOLOGIAS E
CADA UMA DESSAS FICHAS, ESTÃO
DISPONÍVEIS PARA USO E IMPRESSÃO
NO SITE DA ABA-AGROECOLOGIA



Primeiramente, você sabe o quê!

Em segundo lugar, apresentamos alguns princípios que devem guiar (como diria o escritor argentino Julio Cortázar para evidenciar o protagonismo dos países do Hemisfério Sul na construção de sua soberania) todo o trabalho dos educadores e educadoras durante o processo de sistematização. Os Círculos de Cultura, metodologias fundamentais da pedagogia de Paulo Freire, são o eixo central para facilitar e possibilitar as conversas onde todos são incluídos e todas as vozes devem ecoar da mesma maneira. Como trabalhamos com pessoas e relações, apresentamos diversos cuidados para garantir o bem estar de todo mundo ao longo do processo. Podem parecer sutilezas, mas são esses cuidados que garantem um espaço de confiança potente para que todos se expressem e expressem o melhor de cada um.

A seguir, vêm as metodologias, as sementes preciosas deste humilde caderno. Listamos aqui as principais metodologias utilizadas ao longo do projeto “Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia” animado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). Essas diversas atividades nos ajudaram a apreender histórias, cheiros e aprendizados, assim como construir o conhecimento coletivo dos núcleos espalhados por todo o Brasil.

As chaves da sistematização de experiências abrem os caminhos para uma intensa jornada de reconhecimento da história vivida, esse rio caudaloso de experiências e vivências únicas. O encontro entre a Agroecologia e a Sistematização de Experiências traz ainda importantes inspirações no Movimento Agroecológico que nos convidam a percorrer os territórios, sentir os sabores das roças da agricultura camponesa, dançar o jongo nas noites estreladas dos quilombos e recontar o que vivemos para quem não pôde participar.

Para manter o corpo e a mente saudáveis, recomendamos também atividades para esticarmos os músculos, brincar, para nos conhecermos melhor e para avaliar os espaços educadores que foram criados. Por fim, relatamos a vocês um pouco dessa arte invisível de tecer os nós entre as metodologias para que elas criem vida e engajem os participantes em um processo autogestionado de construir o aprendizado coletivo.

Esperamos que sua leitura seja prazerosa e que sua potência se fortaleça ao longo das páginas. Que o caderno seja seu companheiro de vivências e práticas educadoras e que ajude a possibilitar a construção de territórios sustentáveis seja onde estiver.

CÍRCULO DE CULTURA: PRINCÍPIOS DA PRÁTICA EDUCADORA POPULAR

Fragmentos do Texto de Carlos Rodrigues Brandão - Círculos de Cultura. em DANILO R Streck, D. R.; Redin, E. e Zitkoski, J. J. Dicionário Paulo Freire, 2008.

O círculo é o símbolo mais adequado às lembranças de experiências de cultura e educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1960. Entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960, surgem várias frentes e difundem-se por todo o mundo diferentes experiências de “trabalhos com grupos”, de “educação centrada no aluno”, de projetos de pesquisa e ação social com um forte acento sobre a participação consciente, co-responsável e ativamente voluntária. Assumindo as mais diversas formas e servindo a projetos sociopolíticos e culturais diferentes, essas experiências guardam em comum um desejo de dissolução dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder. O trabalho em equipe, o diálogo com a criação de consensos entre iguais e diferentes e o círculo de cultura não são criações de Paulo Freire, dos movimentos de cultura popular e nem de outros grupos semelhantes da década dos sessenta. Mas foi nessa época, e associados a experiências de cultura popular, que eles se difundiram e tornaram uma nova forma e norma de trabalho coletivo.

O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que ensina quem não-sabe e aprende aparece como monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõem a construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. Era ponto de partida a ideia de que

apenas uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas, seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos, conscientes e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si mesmo como uma pessoa entre as outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social.

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”.

Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos do círculo de cultura.

- 1 Cada pessoa é uma fonte original e única de um saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.
- 2 Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica do seu interior para fora e seus componentes “vividos e pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de formação ou de transformação social.
- 3 Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho. Embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas às outras e mutuamente

se ensinam e aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivências e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.

- 4 Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado, “ser educado”) significa algo mais do que apenas ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler criativa e criticamente o “seu próprio mundo”. Significa aprender, a partir de um processo dialógico, em que importa mais o próprio acontecer partilhado e o processo do que os conteúdos com que se trabalha. Esse processo convida a tomar consciência de si mesmo (quem de fato e de verdade sou eu? Qual o valor de ser quem eu sou?); tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nós nos relacionamos? E o que isto significa?) e tomar consciência do mundo (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver se tornado assim como é agora? O que podemos e devemos fazer para transformá-lo?)

Ora, a realização destas propostas educativas, culturais e políticas encontram no círculo de cultura a sua mais conhecida realização. Anos mais tarde, a tradição consolidada no círculo de cultura foi bastante diferenciada e estendida às mais diversas situações educativas, dentro e fora das escolas, dentro e fora das salas de aula.

Sugestões de passos para o círculo de cultura, por Irene Cardoso, professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

- 1 Sente-se em círculo
- 2 Faça uma pergunta aos participantes. Por exemplo, o que é agroecologia?
- 3 Em uma tarjeta, cada um escreve em letra bem grande e com pincel (para que seja visível) a primeira palavra que vem no pensamento ao ouvir a questão.
- 4 Em um canto da tarjeta, cada um escreve o seu nome, em letras pequenas. (Alternativamente as palavras podem ser escritas no quadro ou em uma folha de papel grande).

- 5 Colete todos os papéis e coloque-os em um lugar visível, na ordem em que foram coletados (por exemplo, pode dispô-los no chão)
- 6 Uma a uma, as pessoas explicam porque mencionaram aquela palavra.
- 7 Após uma pessoa começar, as outras podem levantar a mão e solicitar a vez para explicar sua palavra, caso pense que há conexão com a palavra dita pelo outro. Caso ninguém levante a mão, o círculo continua.
- 8 O facilitador procura fazer as ligações entre as palavras e sistematizar o pensamento, mas sem interferir muito.
- 9 Após todos explicarem suas palavras o trabalho pode continuar, na forma de trabalho em grupo, leituras de textos, ou qualquer outra alternativa.
- 10 Caso o grupo seja muito grande, pode-se dividir em pequenos grupos, mas daí com vários facilitadores. Alternativamente, pode-se fazer um grupo no centro, com 10 pessoas. Se há tempo, deixe uma cadeira vazia no centro, e quem sentir vontade senta-se na cadeira, escreve ou diz uma palavra e explica a palavra escrita ou dita.

OBS: AO INVÉS DE UMA PALAVRA PODE-SE USAR TAMBÉM UM DESENHO OU OBJETO. POR EXEMPLO, AO FAZER UMA CAMINHADA PELA PROPRIEDADE, CADA UM COLETA UM OBJETO E APRESENTA NO CÍRCULO.



COMUNICAÇÃO POPULAR: O PRINCÍPIO DA COMUNICAÇÃO ENQUANTO DIREITO

As práticas de comunicação interconectam os processos que movem a nossa vida em sociedade. Portanto são utilizadas tanto para apresentar propostas de emancipação da classe popular, quanto para perpetuar a concepção de mundo daqueles que detém o poder econômico e político. A movimentação de métodos e ferramentas comunicativas e a visibilização do debate sobre comunicação como um direito fundamental na luta pela agroecologia floresceu jardins em vários cantos do país. Aprendemos na caminhada com agroecologia, que não basta realizar as atividades. Para que a agroecologia cresça e floresça, aproximando novas e novos parceiros, é preciso que façamos registros criativos e coloridos que garantam a memória do processo vivido e o diálogo com a sociedade. Seja qual for a atividade que você vá realizar (mutirão, oficina, feira, caravana ou uma troca de sementes) é fundamental mobilizar pessoas específicas para cuidar dos processos de comunicação.

O que é preciso?

Celulares. Independente da resolução da câmera, da marca, da conexão com a internet, esse é um instrumento potente e popular, sobretudo, no diálogo e no envolvimento dos e das agricultoras como protagonistas dos processos de comunicação.

Caderno de Anotações. O velho e bom caderninho de anotações para as relatorias, registro de depoimentos, nomes das pessoas, lugares e sentimentos.

Conexão com a Internet. Se possível, é sempre bom verificar se há condições de publicar os textos, as fotos e os pequenos vídeos em tempo real. Essa cobertura dinâmica envolve, aproxima e encanta.

Papéis e canetas coloridas. Não deixe de se comunicar pela escrita. Anote os sites, endereços do Facebook e outras informações/mensagens que vocês queiram comunicar.

Câmeras fotográficas, se tiver. Costumamos dizer que a comunicação existe muito antes da tecnologia. É possível e necessário não depender dessas tecnologias para registrar e divulgar nossas práticas e saberes. Se tivermos equipamentos bacanas, ótimo também!

Redes sociais. As redes sociais na Internet são uma ferramenta importante para fazer a informação chegar em quem não está diretamente envolvido com os temas. As redes mais populares são Facebook, WhatsApp, Instagram entre outras. É possível criar uma página específica ou fazer postagens no perfil pessoal de quem está participando da atividade.

Como fazer?

1 Identificando capacidades locais: É muito importante identificar as capacidades locais - quem aqui, nessa comunidade, bairro, universidade, grupo - já faz comunicação? Gosta de mexer no Facebook, escrever e tirar foto? Identificado quem do próprio grupo pode ajudar, é a hora de refletir sobre quem mais pode ser envolvido. Existem outras pessoas de coletivos e movimentos sociais que podem ser convidados para as atividades? Podemos aproximar estudantes de comunicação, cultura e arte? E o jornalzinho local, topa?

2 Reunião de planejamento: Sugerimos fazer um chamado para uma reunião de planejamento e aproximação dessas pessoas. Este é o momento de mapear o que cada um gosta mais de fazer e identificar ausências. Como exemplo, é possível que vocês identifiquem que reuniram muita gente que pode tirar foto, mas poucas pessoas para escrever e atualizar as redes sociais. Assim, o grupo identifica quem mais pode aproximar.

3 Plano de Comunicação da Ação/Atividade/ Processo: Mais do que fazer tabelas complexas de planejamento, esse é o momento de explicar como vai ser a atividade e planejar juntas e juntos o que é prioridade, possível e mais estratégico fazer. Aqui vocês podem acionar matrizes de planejamento da comunicação (veja exemplo abaixo)

4 Definir produtos: Este é o momento de cruzar as demandas da atividade com a capacidade do grupo e definir produtos factíveis (o famoso, pé no chão) no tempo do processo e das pessoas envolvidas.

5 Publicar: As fotos bonitas, os vídeos e os depoimentos precisam ganhar o mundo. É a hora de colocar “o bloco na rua”. Se o grupo/coletivo/atividade não tem canais próprios de comunicação quem sabe é o momento de criá-los. É importante publicar nos canais de comunicação próprios (ou criados para tal), mas é fundamental, mobilizar pessoas, organizações e redes parceiras para o compartilhamento das publicações. Enviar nos grupos de whatsapp, avisar por e-mail do produto e o que mais for possível.

6 Avaliar: É sempre importante fazer uma rodada de impressões e balanço com o grupo envolvido. Se der samba, pensar em como vocês seguem trabalhando juntas e juntos e como envolvem pessoas que se aproximaram durante o processo.

Um princípio fundante da comunicação popular é que todas e todos são comunicadores/as. Então é importantíssimo manter o radar sempre aberto e ligado para pessoas que topam pensar, sentir e construir a comunicação como arte, intervenção cultural, denúncia e anúncio. Envolver a juventude e as mulheres nos cuidados da comunicação. Identificar coletivos e canais populares de comunicação (já experimentou chamar o Brasil de Fato, os Coletivos da ASA e tantos outros próximos à vocês para uma atividade?). Vale lembrar que a comunicação popular é um grande processo educativo e formativo humanizador! Sempre que pensarmos a comunicação, pensarmos espaços de troca e aprendizagem coletiva.

SUGESTÃO DE PLANO DE COMUNICAÇÃO SIMPLIFICADO

O que vamos contar? (feiras, oficinas, intercâmbios)	Para quem vamos contar? (outros agricultores/as, estudantes, governo)	Como iremos comunicar? (teatro, cartazes, fotos, vídeos, cartas)	Quem irá fazer? (detalhar responsável para cada produto)	Em qual canal e espaço será publicado? (murais, rádio, facebook, sites das universidades)

Inspirações/Referências:

Materiais da Escola de Ativismo - <https://ativismo.org.br/materiais/>

Projeto Inventar com a Diferença - <https://www.inventarcomadiferenca.org/>

Boletins Candeeiros da ASA - <http://www.asabrasil.org.br/acervo/o-candeeiro>

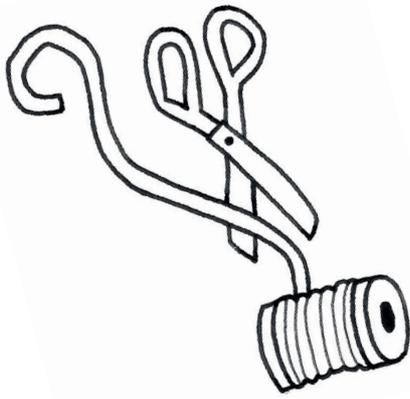
Materiais da Campanha Contra os Agrotóxicos - <http://antigo.contraosagrototoxicos.org/index.php/materiais>

The background is a vibrant yellow color, overlaid with a pattern of blue line-art illustrations. The illustrations include various types of flowers, some with multiple petals and prominent centers, and several long, pointed leaves. The lines are clean and consistent in weight, creating a modern, graphic feel.

PROCESSOS & CUIDADOS



A condução de um processo é uma arte invisível e requer uma sensibilidade sutil e perspicaz. A seguir, listamos alguns cuidados essenciais para garantir o acolhimento, a caminhada coletiva e confirmar, que mais importante do que os resultados, são os processos e o que eles geram nos territórios.



PROCESSOS E CUIDADOS

PREPARAÇÃO

O Cuidado com o Processo

AS NOSSAS ATIVIDADES DEVEM SER PLANEJADAS COM CARINHO, PARA ISSO PRECISAMOS TER UMA VISÃO HOLÍSTICA DO PROCESSO, DESDE A PREPARAÇÃO ATÉ O ENCERRAMENTO DE UMA ATIVIDADE. ESSA FICHA IRÁ TE AJUDAR A TER UM PROCESSO MAIS FLUIDO E LEVE PARA TODAS AS PESSOAS ENVOLVIDAS.

MATERIAIS

Cuidar do processo é cuidar das pessoas. Aqui não se tem materiais necessários, no máximo um rascunho para anotação. O importante nesse momento é o carinho com aqueles/as que estarão envolvidos/as na atividade. **Documentos de orientação, com informações importantes sobre o encontro enviados antes do evento a todos os participantes, podem ser muito úteis para alinhar as expectativas e socializar os objetivos do encontro.** Uma ferramenta que nos ajuda muito para organização dos facilitadores da atividade são as pastas e documentos compartilhados online (exemplo do Google Drive), ainda que precisemos exercitar o uso de canais baseados em softwares livres, disponibilizar os materiais e conteúdos para revisão e edição coletiva é sempre bem vindo.

SOBRE AS PESSOAS

É muito importante que todos participantes saibam como está organizada a programação e quem irá facilitar os espaços, assim ninguém é pego de surpresa e todos ficam mais à vontade. Integrar os participantes das atividades nos espaços também torna o processo mais leve e acolhedor, deixe sempre espaços abertos para que alguém possa propor um alongamento, música ou outra metodologia que pode futuramente compor esse fichário.

FLUXOS E TEMPOS

O Cuidado com o Processo começa bem antes da atividade ser realizada, reserve um tempo para que, com calma, você possa pensar individual e coletivamente sobre todos os momentos da atividade e planejá-las de acordo com os objetivos do evento e com o tempo disponível.

COMO FAZER

- 1 Conhecer um pouco daqueles/as que irão participar das atividades.
- 2 Divida a equipe que irá facilitar os espaços. Uma dica aqui é não facilitar dois espaços seguidos. Além de cansativo para quem está facilitando, também é cansativo para quem está participando da atividade.
- 3 Aprenda fazendo. Esteja preparado e aberto para mudanças na programação e metodologia, mantenha o diálogo com a equipe e com os participantes e escute com atenção as avaliações sobre o processo.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Reuniões virtuais e presenciais, quando possível, ajudam muito. Recomendamos, em processos amplos, reuniões regionais ou por coletivo de trabalho. Uma dica para as reuniões virtuais é a plataforma (<https://meet.jit.si/>) gratuita e on-line, uma boa alternativa para o Skype.

SOBRE OS ESPAÇOS

O olhar atento para o espaço garante sempre uma leveza ao processo. Antes de iniciar a atividade confira a organização do espaço. Uma dica é olhar a ficha dos “Espaços Educadores” e garantir que, além de aconchegante, a ornamentação do espaço também proporcione a troca de saberes.



PROCESSOS E CUIDADOS

CHEGADA

“Chegância” - A Arte de Acolher, o cuidado como princípio

ENVOLVE CARINHO E AFETO NO ACOLHIMENTO DAS PESSOAS, NA SUA RECEPÇÃO E SE FAZ PRESENTE DURANTE TODA VIVÊNCIA.

O intuito da metodologia é acolher quem chega, processo que se inicia antes do começo das atividades. Significa estar com antecedência no espaço que receberá o evento, se assegurar que ele atende todas as necessidades das e dos participantes, que todos os materiais utilizados estão no local e funcionando.

MATERIAIS

É possível utilizar cartolinas, papel kraft ou flipchart para dar destaque à programação do dia, aos combinados e acordos coletivos e às demandas de gestão do espaço, do tempo e da qualidade do encontro. Sugere-se uma música calma e em volume baixo, pedir aos participantes que levem elementos de suas regiões e/ou cotidiano para construção coletiva da mandala, no centro do círculo. O importante são os abraços e sorrisos que trocamos ao chegar. Materiais de ornamentação também são bem vindos e recomendados, como flores, varais de fotos, papéis coloridos, entre outros descritos na ficha “Espaço Educador”.

FLUXOS E TEMPOS

O acolhimento é o período em que as pessoas estão chegando, em que o credenciamento está sendo feito (quando desejado/necessário) e em que o grupo vai se acomodando. Sugere-se 30 minutos antes do início das atividades. Se por algum motivo houver atrasos, mantenha a calma e veja o que pode ser feito.

SOBRE OS ESPAÇOS

É importante estar atenta às necessidades especiais de quem participa. Um ambiente apto e acessível a todas as pessoas é fundamental.

COMO FAZER

- 1 Fazer/imprimir a lista de presença.
- 2 Chegar antes no local que receberá as atividades e se certificar que está tudo organizado.
- 3 Recepcionar as pessoas, dando o suporte preciso.
- 4 Apoiar as pessoas que por ventura cheguem atrasadas.
- 5 Se possível indicar e acompanhar as e os participantes até os quartos.
- 6 Realizar alguma dinâmica para animar a chegada das pessoas.

SOBRE AS PESSOAS

Manter a calma em possíveis momentos de tensão e pedir ajuda quando necessário tornam o processo mais leve e coletivo. Consultar grupos ampliados em situações mais difíceis

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“Parece que já nos conhecíamos”, um sentimento de pertencimento ao local e reconhecimento em quem também está participando.

INSPIRAÇÕES

Metodologias de chegada e acolhimento propostas pela Comunicação Não Violenta, de Marshall Rosenberg, e pela Arte de Anfitriar (<http://www.artofhosting.org/pt-br/>) são muito interessantes.



PROCESSOS E CUIDADOS

MESA DA PARTILHA

Alimentação: nutrindo o corpo e a alma

COMIDA É CULTURA! É TRADIÇÃO, SABER POPULAR, É SEMENTE QUE SE PLANTA E QUE SE COLHE

Esta ficha compartilha alguns cuidados sobre a alimentação durante as atividades.

A alimentação tem o objetivo de nutrir nosso corpo fisicamente por meio da comida e, subjetivamente, a partir das experiências compartilhadas, das histórias contadas, das receitas e da cultura do nosso povo.

MATERIAIS

- Contatos dos e das participantes para envio de mensagens prévias.
- Um local plano e limpo para colocar os alimentos, preferencialmente uma mesa. Uma toalha é interessante, principalmente se a comida for servida no chão.
- Cumbucas, pratos, talheres e copos para as pessoas que forem comer. Uma opção é pedir que todas e todos levem o seu kit militante, composto por pratos, talheres, canecas e outros utensílios.

FLUXOS E TEMPOS

O processo que envolve a alimentação começa bem antes do preparo das refeições. O cuidado com a origem dos alimentos, dando preferência, quando possível, a produtos locais, agroecológicos e da agricultura familiar. Pensar em receitas que saboreiem os saberes e fazeres da cultura do lugar onde se pisa. Disponer de pausas um pouco mais longas para as refeições nos ajuda a descansar e voltar com mais energia para o coletivo.

SOBRE AS PESSOAS

Cada pessoa é um universo! Tendo isso em mente, é importante se manter alerta às diferentes dietas presentes e suas especificidades. Caso não saiba ao certo como funciona a alimentação de alguém, converse. O diálogo é sempre o melhor caminho.

SOBRE OS ESPAÇOS

Espaços amplos, claros e que consigam acolher todas as pessoas. É importante que a cozinha seja próxima ao local em que partilhamos o alimento. Trazer elementos artísticos para mesa da fartura, celebrar este momento de coletividade, faz parte do processo!

INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS

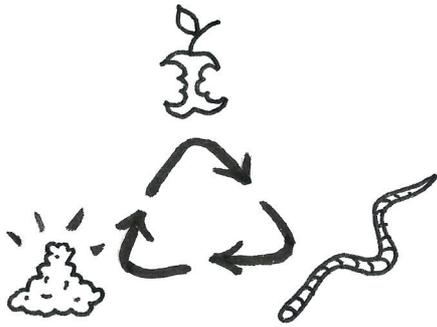
- Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- Guia Alimentar da População Brasileira - Ministério da Saúde - Brasília, 2014.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“A comida é também um alimento para a alma!”, a fartura de relações, trocas, temperos, cores, sabores, cheiros traz um pouco da cultura dos territórios.

DICAS DE COMO FAZER

- 1 Envie aos participantes mensagens convidando à todos e todas para que contribuam com a mesa da partilha, explique os princípios e propostas.
- 2 Sempre que possível, peça que eles e elas avisem previamente sobre o que estão levando.
- 3 Paralelo à essa mobilização, busque conversar com as pessoas responsáveis pela feitura da comida, estimule a mobilização de pessoas envolvidas com a agricultura camponesa para o trabalho na cozinha, valorizando os saberes e gerando renda localmente, mas cuidado: não “tire” nenhum participante da atividade para isso.
- 4 Pense os cardápios e quantidades (atenção para restrições alimentares e dietas diferentes).
- 5 Dê visibilidade ao cardápio construído, indique a variedade e a origem dos alimentos em pequenos cartazes, por exemplo.
- 6 Mobilize uma equipe de apoio, montagem e limpeza, reduzindo o trabalho da equipe da cozinha.
- 7 Não deixem de conectar a equipe da cozinha ao andamento das atividades, expliquem a proposta, convidem para acompanharem e planejem uma forma de homenagear quem cuidou do alimento.
- 8 Agradeçam - da forma com que a espiritualidade presente encontrar - celebrem.



PROCESSOS E CUIDADOS

RESÍDUOS

Gestão de Resíduos - Não existe lixo, existe matéria-prima fora do lugar

OTIMIZAR OS MATERIAIS E RECURSOS É UM IMPORTANTE PONTO A SER OBSERVADO, JÁ QUE MUITAS VEZES PODEMOS REAPROVEITAR O QUE TEMOS AO NOSSO REDOR.

Tudo que é gerado em uma atividade vai para algum lugar. Não adianta a coerência das falas, se as práticas não estão alinhadas. Esse princípio dá origem à um cuidado importante: a destinação correta dos resíduos gerados durante nossas atividades.

MATERIAIS

- Recipientes apropriados a destinação de cada tipo de resíduo, considerando resíduos orgânicos, resíduos secos e rejeitos.
 - > Lembre-se que o material orgânico pode ser compostado.
 - > Não é preciso comprar recipientes, o indicado é aproveitar latas, baldes, cestos e outros materiais disponíveis no espaço.
- Cartolinas e canetões para fazer placas informativas.
- Utensílios disponíveis que podem ser necessários para limparmos o local que acolhe as atividades, como pano, vassoura, etc.

FLUXOS E TEMPOS

Harmonizar, organizar o espaço em que estamos apoia a fluidez dos processos, tornando mais leves os momentos em coletivo. Isso é válido para antes, durante e depois das atividades. Com calma, vamos organizando, arrumando, colocando as coisas no lugar.

SOBRE AS PESSOAS

Toda tarefa, quando compartilhada, funciona melhor. Depende do número de participantes, mas ter no mínimo duas ou mais pessoas atentas a este processo facilita bastante e não sobrecarrega ninguém.

SOBRE OS ESPAÇOS

O mais importante em relação ao local físico que nos acolhe é que tenha carinho em sua arrumação, seja bem iluminado, fresco, com capacidade de atender as necessidades de quem participa da atividade. Isso inclui os resíduos.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Espaços limpos e organizados tornam as atividades mais prazerosas.

DESCUBRA OS DIAS EM QUE SÃO COLETADOS CADA TIPO DE RESÍDUOS NO LOCAL ONDE ESTÁ SENDO A ATIVIDADE. CASO NÃO HAJA COLETA, DIALOGUE COM OS PARTICIPANTES SOBRE LEVAR OS RESÍDUOS SECOS PARA RECICLAGEM AO TÉRMINO DA ATIVIDADE, PRIVILEGIANDO COOPERATIVAS DE RECICLAGEM OU CATADORES LOCAIS.

INSPIRAÇÕES

A inspiração dos cuidados coletivos com o espaço vem da relação afetiva que temos pelo processo metodológico das atividades. Uma sugestão de leitura é a cartilha “Lixo” do Ministério do Meio Ambiente (MMA), disponível na internet e a publicação “Da Pá Virada: Revirando O Tema Lixo - Vivências Em Educação Ambiental E Resíduos Sólidos” USP Recicla.

CASO O LOCAL TENHA ESPAÇO ABERTO, DIALOGUE COM OS PROPRIETÁRIOS SOBRE A INSTALAÇÃO DE UMA COMPOSTEIRA NO LOCAL. ESSA PODE SER UMA ATIVIDADE PARALELA PROPOSTA DURANTE O EVENTO, CASA HAJA ESPAÇO NA PROGRAMAÇÃO. ASSIM, A GENTE INCLUSIVE DEVOLVE O ESPAÇO MELHOR.

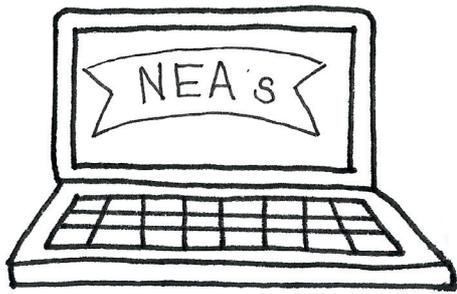


COMO FAZER

- 1 Colocar os recipientes apropriados para cada resíduo em local visível, fazendo placas informativas.
- 2 Conversar com o coletivo antes das atividades começarem, explicando como foi pensada a gestão dos resíduos.
- 3 Pedir apoio de mais uma ou duas pessoas no cuidado desta tarefa.
- 4 Ao longo das atividades, fazer a manutenção necessária (como trocar os recipientes, por exemplo).
- 5 Caso haja uma composteira no local, levar os resíduos orgânicos para lá e fazer o manejo.

NUNCA QUEIME OS RESÍDUOS!





PROCESSOS E CUIDADOS

RELATORIA

Relatoria: a importância da memória coletiva

“A GENTE ESCREVE A PARTIR DE UMA NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO E DE COMUNHÃO COM OS DEMAIS, PARA DENUNCIAR O QUE DÓI E COMPARTILHAR O QUE DÁ ALEGRIA”. EDUARDO GALEANO

“Fazemos muito e registramos pouco!”, “A riqueza dos momentos de perde”, “Lembra daquela atividade, quando foi? Quem esteve?”. A relatoria continua sendo um dos grandes desafios dos movimentos sociais onde nossa prática ativista e o acúmulo de tarefas, nos tira desses cuidados de registro. Aqui, compartilhamos algumas dicas e aprendizados colhidos em muitas andanças exercitando, de forma textual, o registro dos momentos vividos. Esperamos trazer leveza e potência para esse trabalho que tece e cuida das nossas memórias coletivas.

MATERIAIS

- Notebook: para otimizar o trabalho de organização final das relatorias, é muito importante ter um notebook disponível para o registro.
- Caderninho e caneta: em nossas dinâmicas, muitas vezes, para que o/a relator/a possa estar nos processos, é inviável carregar o notebook, então é importante sempre ter um caderninho para registrar esses momentos e depois passar para o arquivo digital.
- Gravadores, se possível. Pode ser de celular.

TRATANDO DE PROCESSOS PARTICIPATIVOS E PERMEADOS PELA AGROECOLOGIA, É IMPORTANTE RESSALTAR QUE ESSE REGISTRO BUSCA, PARA ALÉM DAS QUESTÕES OBJETIVAS, CAPTAR AS MÍSTICAS, AS EMOÇÕES COMPARTILHADAS, POESIAS, MÚSICAS, TRECHOS DE FALAS IMPACTANTES E O QUE MAIS, NOS ESPAÇOS QUE ESTAMOS, COMPÕEM NOSSOS CAMPOS SENSÍVEIS.

FLUXOS E TEMPOS

Para relatar, é muito importante a concentração e a calma para entender os momentos. Muitas vezes, tudo acontece muito rápido e é normal que percamos algumas coisas, mas podemos colocar apenas palavras chaves que nos permitam, ao longo do evento, recuperar os temas e redigir. Por isso também, é interessante que tenhamos uma dupla de relatores por espaço, potencializando a troca e o registro.

SOBRE AS PESSOAS

Um arranjo interessante são as duplas de relatoria por espaço. Isso porque às vezes uma pessoa só pode se cansar facilmente ou ter dúvidas sobre o registro, assim, quando estamos em duplas conseguimos fazer com mais tranquilidade, também saindo um pouco quando preciso.

SOBRE OS ESPAÇOS

Lugar com cadeira e mesa para que fique em posição confortável. No caso do uso do notebook, é importante lembrar de ficar perto de uma tomada.

INSPIRAÇÕES

III ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2014, Juazeiro. Anais do III Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: Ana, 2014. 232 p.

NÃO É PRECISO FAZER RELATOS DESCRITIVOS E DENSOS, A NÃO SER QUE EXISTA A NECESSIDADE DE TRANSCRIÇÃO DAS FALAS, O MAIS IMPORTANTE É DEFINIR COLETIVAMENTE: PARA QUE ESSE REGISTRO SERVIRÁ? EM QUAL FORMATO ELE É MAIS IMPORTANTE? ÀS VEZES SÍNTESES, TRECHOS DE FALAS E AS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS SÃO MAIS PRECIOSAS DO QUE RELATOS DESCRITIVOS QUE PODEM CANSAR A LEITURA E GERAR DOCUMENTOS ASSUSTADORES CHEIOS DE PÁGINAS.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“É muito difícil registrar tudo, é muito rápido” - a ideia da dupla de relatores busca também amenizar as tensões e essa impressão de que “estamos perdendo muita coisa”. Outra percepção compartilhada por relatores e relatoras é do quanto é interessante a imersão no entendimento dos processos, aprendemos muito ao relatar.

SEMPRE QUE POSSÍVEL INTERCALE FOTOS, FACILITAÇÕES GRÁFICAS, LINKS DE MATERIAIS E POESIAS NO ARQUIVO FINAL.

COMO FAZER

- 1 Mobilizar e identificar pessoas específicas para essa atividade.
- 2 Construir acordos e orientações coletivas para o trabalho.
- 3 Elaborar roteiros para a relatoria com todas as orientações necessárias e com os focos de relato (forma e conteúdo) para cada momento.
- 4 Viabilizar materiais e espaço para fazer a relatoria.
- 5 Salvar previamente os roteiros e identificar os arquivos com o título e os tópicos da programação antes de iniciar os espaços.
- 6 Fazer os registros com concentração e calma.
- 7 Organizar/revisar as relatorias pós-evento.
- 8 Se possível fazer reuniões coletivas de visualização, reflexão, análise e síntese dos materiais, painéis e textos produzidos, refletindo sobre prioridades e produtos esperados.
- 9 Construir produtos acessíveis à diferentes públicos e disponibilizar o conteúdo de forma apropriada para revisão e complementação daqueles que vivenciaram a experiência.



PROCESSOS E CUIDADOS

ACORDOS COLETIVOS

“PRESENTE É UM ADJETIVO OU SUBSTANTIVO QUE EXPRESSA O QUE EXISTE OU ACONTECE NO MOMENTO EM QUE SE FALA OU QUE ESTÁ NO TEMPO ATUAL”

Os acordos coletivos buscam garantir a presença qualificada dos e das participantes na atividade, reduzindo interferências que desviem a atenção e a presença do grupo. Essa dinâmica constrói ainda um quadro de princípios coletivos que orientam as práticas individuais e compartilham as tarefas de cuidado com o processo.

MATERIAIS

É possível utilizar cartolinas, papel kraft, flipchart ou apenas tarjetas para dar destaque aos combinados e tarefas que foram firmados. É importante que os acordos fiquem visíveis a todos os participantes, nos espaços de trabalho principais ou nos corredores de acesso aos quartos ou à área onde são realizadas as refeições, para que possam ser relembrados sempre que necessário.

FLUXOS E TEMPOS

É interessante que os acordos coletivos sejam dialogados logo no início das atividades, após a apresentação dos presentes. Sugerimos, no máximo, 20 minutos para a realização dessa atividade e que demandas, já visualizadas pelo grupo facilitador, estejam previamente listadas e acessíveis para a complementação e estímulo ao grupo.

SOBRE AS PESSOAS

Todos precisam estar confortáveis com os acordos coletivos. Se não há consenso e as pessoas não estiverem dispostas a abrir mão de suas opiniões, busque um meio termo ou até retire o acordo da lista. O mais importante é todos serem ouvidos e se sentirem confortáveis com as decisões tomadas.

COMO FAZER

- 1 Com as pessoas em roda, pergunte o que é necessário para manter a presença e a atenção durante a atividade.
- 2 Busque incluir acordos que dialoguem com a gestão do espaço e com as tarefas coletivas que devem ser compartilhadas pelos participantes.
- 3 A cada opinião e manifestação, verifique se há consenso entre todos ou se há divergências ou propostas alternativas.
- 4 Exercite o bom senso na definição dos acordos.
- 5 Escreva, de forma sintética e explicativa, os acordos no papel. Use de desenhos e ícones para melhor exemplificar cada um deles.

ALGUNS ACORDOS IMPORTANTES PARA SEREM FEITOS:

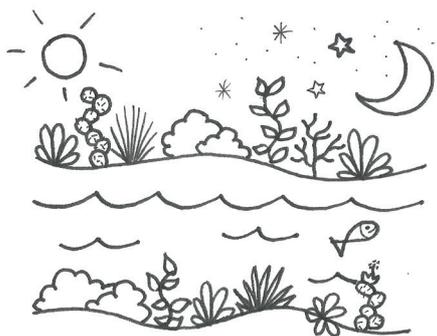
- USO DE CELULAR DURANTE A ATIVIDADE
- CONVERSAS COCHICHADAS
- LIMPEZA E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
- AUTORIZAÇÃO PARA FOTOS E VÍDEOS
- DEFINIÇÃO DE RELADORES PARA AS ATIVIDADES
- DEFINIÇÃO DE UM GUARDIÃO OU GUARDIÃ DO TEMPO, QUE CONTROLARÁ O TEMPO PREVISTO PARA CADA ATIVIDADE.
- DEFINIÇÃO DE UM GUARDIÃO OU GUARDIÃ DA HARMONIZAÇÃO, QUE OBSERVARÁ O GRUPO E PODERÁ PROPOR ATIVIDADES PARA LEVANTAR E EXERCITAR O CORPO.



METODOLOGIAS CHAVE



Lá na roça, só tem uma maneira de se aprender: fazendo, refletindo sobre o fazer e sistematizando os aprendizados. Convidamos vocês a arregaçarem as mangas e abusarem das fichas que apresentamos a seguir. Elas são como sementes na terra adubada da sua criatividade. Deixe florescer!



METODOLOGIAS CHAVE

RIO DO TEMPO

Rio do Tempo, Rio de Histórias

VISUALIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO COLETIVA DAS MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA

MATERIAIS

- Tarjetas de três cores diferentes para identificar:
 - > lembranças relacionadas à pergunta 1;
 - > lembranças relacionadas à pergunta 2 e anos.
- Fita crepe para fixação das tarjetas no chão, se possível.
- Caneta de ponta grossa.

SOBRE O ESPAÇO

É preciso um espaço amplo, que acomode as pessoas e o Rio.

COMO FAZER

- 1 Defina coletivamente com o grupo facilitador quais são as duas perguntas disparadoras.
- 2 Explique o objetivo do Rio e como ele será construído e, caso não exista um relator/a, verifique se alguém pode fazer esse relato.
- 3 Distribua tarjetas e faça a primeira pergunta.
- 4 Dê um tempo necessário para que as pessoas possam colocar suas lembranças.
- 5 Na dinâmica do Círculo de Cultura, cada participante fala sobre sua lembrança, entrega a tarjeta ao facilitador que começa a montagem do Rio.
- 6 Distribua as tarjetas de outra cor e faça a segunda pergunta (enquanto isso, o facilitador das tarjetas, insere os anos em tarjeta de outra cor).
- 7 Repita a segunda rodada de partilha das tarjetas.
- 8 Avalie o momento de intervalo, respiro e lanche.
- 9 Na volta, convide o grupo a navegar pelo rio, observar as lembranças.
- 10 Abra para impressões gerais.
- 11 Convide pessoas a se sentarem pelas margens do Rio, estimule falas e a inserção de novas lembranças que podem ter faltado.
- 12 O facilitador ou facilitadora da montagem do Rio, explica como ele foi construído e fala dos seus componentes (uma dica bacana que aprendemos é que tarjetas que não trazem fatos, mas processos e princípios, ficam na posição contrária as demais - margeando as que já estão),
- 13 Convide o relator ou relatora a partilhar seus aprendizados.
- 14 Celebre com música, palmas e alegria a história reconstruída à muitas mãos.
- 15 Garanta uma boa relatoria das tarjetas, além das falas.

FLUXOS E TEMPOS

É muito prazeroso dedicar tempo para a construção do Rio e reflexão das memórias coletivas. Nos ajuda muito realizar essa dinâmica durante a parte da manhã, quando as pessoas estão mais despertas e concentradas. Geralmente é feito um pequeno intervalo, após as duas rodadas de perguntas, pois é fundamental que exista concentração e cumplicidade entre todas e todos. Outra percepção sobre o Rio é não começá-lo se não houver tempo para, pelo menos, uma rodada de pergunta e, portanto, de construção. Em geral, de acordo com o número de pessoas, ficamos cerca de 3 horas ou 3h30 nessa construção.

VARIAÇÕES

Uma variação interessante dessa metodologia é intercambiar com a metodologia de Instalações Pedagógicas. Cada pessoa pode falar sobre sua lembrança (escrita na tarjeta) também compartilhando um objetivo, foto, bandeira, um símbolo, uma poesia ou música - esses materiais podem ser alocados ao lado das tarjetas.

VARIAÇÕES

- **Nascentes:** Tarjetas que trazem as origens da história.
- **Afluentes:** Muitos rios, processos, projetos, ações e pessoas que constroem a história.
- **Mata Ciliar:** princípios, sentimentos e processos mais permanentes à história daquele grupo.
- **Cachoeiras:** momentos de grandes encontros, culminâncias, muitas vozes, atividades que mudam o curso dos processos (exemplo das Caravanas que são cachoeiras em muitos rios de história).
- **Barragens:** momentos em que a história foi represada, reduzida, de alguma forma ameaçada. É importante que o Rio também registre e partilhe desafios, crises e aprendizados colhidos nesse processo.

SOBRE AS PESSOAS

É preciso de 3 facilitadores/as nessa dinâmica: 1 pessoa para puxar, 1 pessoa para receber as tarjetas e 1 pessoa para relatar. Se o grupo tiver mais de 30 pessoas, ter duas pessoas no recebimento das tarjetas, é melhor e menos cansativo. Não há limites de participantes. Um grupo menor, permite que outras rodadas de perguntas possam ser feitas e permite a partilha de mais tarjetas/lembranças. Em grupos grandes é interessante sugerir que a pessoa leia todas as lembranças, mas não explique todas. Os participantes podem, na segunda rodada inserir sozinhos as lembranças nas datas, que já estarão fixadas.

INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS

Essa metodologia é resultado de uma reinvenção da dinâmica Linha do Tempo. Nossa caminhada no Projeto de Sistematização, mostrou que a história, as lembranças, a vida corre mais como um rio do que como uma linha e que uma boa metáfora e história, próxima e com sentido à vida de todas e todos, nos ensina mais.

- **Assoreamento:** Ações contrárias que podem ter interferido na dinâmica do processo, como desafios políticos.
- **Oceano:** Diferentes ações, rios e histórias desaguam em oceanos comuns: a agroecologia, a solidariedade, a vida!
- **Fundo do Rio:** é como chamamos a relatoria detalhada - impressões registradas desse rio que corre.
- **Pedras:** Desafios
- **Cheias:** Mais pessoas, mais projetos, mais ações.
- **Secas:** Menos pessoas, menos ações, menos recursos.
- **Correntezas:** O que nos move, nos ativa!



METODOLOGIAS CHAVE

MATE COM PROSA

A ARTE DE FAZER PERGUNTAS E MOBILIZAR CONVERSAS SIGNIFICATIVAS

O Mate com Prosa é uma metodologia participativa de estímulo ao diálogo em grupos, nos quais participantes se dividem e conversam em torno de uma pergunta central. O processo é organizado de forma que as pessoas circulem entre os diversos grupos e conversas, conectando e polinizando as idéias de forma dinâmica e objetiva, possibilitando a emergência de um saber coletivo construído participativamente. É uma metodologia que possibilita a troca, o incentivo à participação de todos, o diálogo em pequenos grupos e o compartilhamento de ideias de forma rápida e dinâmica.

MATERIAIS

- Mate (ou um cafezinho) em cada grupo
- Cartolinas (toalha da mesa)
- Canetões, canetinhas e giz de cera
- Mesas e cadeiras de trabalho (importante, mas não essencial)
- Perguntas geradoras

O MATE OU CAFÉ É IMPORTANTE PARA ESTABELECEER UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E COMPARTILHAMENTO ENTRE OS PARTICIPANTES, COMO UMA MESA DE UM CAFÉ.

PESSOAS

Não há número máximo. Há notícias de mates com prosa feitos com mais de mil pessoas. É preciso ter um facilitador ou facilitadora e um anfitrião ou anfitriã para cada mesa. Essa pessoa é responsável por servir o mate (ou passar o café), acolher quem chega e apresentar as anotações feitas na toalha da mesa.

FLUXOS E TEMPOS

Para realizar essa metodologia com qualidade, o tempo mínimo é de 45 minutos e o tempo máximo é variável, de acordo com a necessidade, em função do número de perguntas e participantes. Os participantes iniciaram as conversas em um grupo e deverão mudar para outro grupo com a orientação do facilitador. Recomenda-se pelo menos 3 rodadas, sendo o tempo para discussão de 15 minutos para a primeira rodada, 15 minutos para a segunda rodada e 10 minutos para a terceira.

É IMPORTANTE ORIENTAR OS PARTICIPANTES PARA QUE TENHAM OBJETIVIDADE NAS FALAS, MANTENDO ELAS DIRETAS E DE CURTA DURAÇÃO PARA QUE MAIS PESSOAS PARTICIPEM. O TEMPO É CURTO!

SOBRE O ESPAÇO

Para criar um bom Mate com Prosa, é importante criar um espaço hospitaleiro que seja seguro e convidativo. Quando as pessoas sentem-se confortáveis para serem elas mesmas, tornam o seu pensamento, fala e escuta mais criativos.

TODAS AS PESSOAS QUE ESTÃO NA MESA DURANTE UMA CONVERSA PODEM CONTRIBUIR COM O REGISTRO, ANOTANDO E DESENHANDO NAS CARTOLINAS.

VOCÊ PODERÁ UTILIZAR UM SINO OU ALGUM INSTRUMENTO SONORO PARA ESTIMULAR AS RODADAS.

REFLITA BEM SOBRE AS PERGUNTAS QUE ESTARÃO EM CADA MESA OU RODA DE CONVERSA. PERGUNTAS PODEROSAS E SIGNIFICATIVAS GARANTEM MAIOR QUALIDADE NOS RESULTADOS DE ACORDO COM O OBJETIVO DA ATIVIDADE.

COMO FAZER

- 1 Acomode as pessoas em diferentes grupos, recomendamos que sejam quatro a cinco pessoas por grupo, no entanto esse número pode variar de acordo com o número de participantes da atividade.
- 2 Cada grupo receberá uma pergunta, direcionada com base no diálogo que se pretende realizar, podendo ser, inclusive, a mesma para todos os grupos. Quando forem perguntas diferentes, é importante que todas as pessoas respondam todas as perguntas em suas rodadas.
- 3 Durante a primeira conversa, os grupos devem selecionar um anfitrião ou uma anfitriã para permanecer na mesa, realizando o registro das conversas e acolhendo o próximo grupo que virá.
- 4 Após o tempo determinado para a conversa, o facilitador deve avisar os participantes e estimular para que circulem para outros grupos.
- 5 A cada rodada o facilitador deve estimular que as pessoas se separem e se reagrupem em grupos diferentes, evitando que migrem conjuntamente, ficando no mesmo grupo.
- 6 Após a rodada, o anfitrião deve apresentar a pergunta orientadora da mesa e fazer, rapidamente, a síntese da conversa anterior.
- 7 Ao final da segunda rodada, todas as mesas ou grupos de conversação na sala serão “polinizados” com insights de conversas anteriores.
- 8 Depois de completadas todas as rodadas de diálogo, os anfitriões devem compartilhar com todo o grupo a síntese dos diversos diálogos que ocorreram em sua mesa.
- 9 Sínteses coletivas, a partir de cada toalha da mesa, podem ser geradas com tarjetas.

INSPIRAÇÕES

Essa metodologia é uma adaptação brasileira ao World Café (ou Café Mundial ou Café com Prosa), que também faz parte dos processos conversacionais chamados Art of Hosting (ou Arte de Anfitriar).



METODOLOGIAS CHAVE

ANÁLISE CONJUNTA DE CONJUNTURA

“A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA” PAULO FREIRE

A metodologia de análise conjunta de conjuntura busca evidenciar importantes elementos sobre o contexto político, econômico e sociocultural, subsidiando a análise e reflexão dos participantes. Essa contextualização ajuda a orientar os diálogos e discussões para que considerem a situação atual em múltiplas escalas durante as reflexões e decisões do grupo.

MATERIAIS

- Tarjetas coloridas (Se possível 6 cores diferentes ou intercaladas no uso)
- Fita crepe
- Canetões
- Local para exposição

SOBRE AS PESSOAS

É importante envolver todas as pessoas na análise de conjuntura, para considerar a diversidade dos canais de comunicação acessados pelos participantes, assim como explorar o nível de conhecimento em relação às diversas escalas que influenciam os territórios e as ações locais.

MUITAS VEZES AS ESCALAS SE CONFUNDEM COM AS FALAS DOS PARTICIPANTES. É IMPORTANTE O FACILITADOR SEMPRE RELEMBRAR EM QUE ESCALA ESTÁ A REFLEXÃO E O RELATOR POSICIONAR AS TARJETAS ADEQUADAMENTE.

FLUXOS E TEMPOS

O tempo ideal para a realização da atividade deve ser entre 30 a 45 minutos. A atividade será dividida em partes, considerando a escala de análise da conjuntura: Planetária, Mundial, Continental, Nacional, Regional/ Estadual e Local.

INSPIRAÇÕES

A análise de conjuntura é uma forma de elucidar as influências político e econômicas que orientam os acontecimentos em diferentes escalas. Assim, ajuda a contextualizar as discussões e decisões das organizações e movimentos sociais, para garantir que as decisões feitas sejam estratégicas e de acordo com os objetivos propostos. Normalmente, a análise de conjuntura é feita por apenas uma ou duas pessoas especialistas, que organizam e trazem os elementos econômicos e políticos considerando as diferentes escalas. Essa proposta busca horizontalizar esse processo de leitura do mundo.

TRABALHAMOS SEMPRE COM A DINÂMICA DE ANÚNCIO E DENÚNCIA, QUANDO O CLIMA FICA MUITO PESADO E FOCADO NAS DESGRAÇAS, ESTIMULE A LEMBRANÇAS DE INOVAÇÕES, PRÁTICAS INSPIRADORAS E DE RESISTÊNCIAS.

COMO FAZER

- 1 Antes de iniciar a atividade, o facilitador deverá solicitar ao grupo que, pelo menos duas pessoas, se voluntariem para ser o relator da atividade. As e os relatores deverão escrever de forma sucinta nas tarjetas (com uma ou duas palavras) o que for falado pelos participantes, dispondo as tarjetas de forma ordenada conforme a escala.
- 2 Com os participantes em roda, o facilitador irá estimular que sejam lembrados acontecimentos e notícias recentes que se relacionem com a escala Planetária, podendo ser relacionadas ao alinhamento dos planetas, à fase vigente da Lua, à ocorrências como chuva de meteoros, ao lançamento de novos satélites etc.
- 3 Após certo tempo, quando não houver mais manifestações, o facilitador deverá mudar a escala para Mundial, incentivando, novamente, que sejam lembrados acontecimentos e notícias recentes relativas a essa escala.
- 4 A dinâmica segue para as outras escalas: Continental, Nacional, Regional/Estadual e, por fim, Local. As tarjetas deverão ser presas ordenadamente em uma parede para que todos vejam. Se possível, usar tarjetas de cores específicas para cada escala.
- 5 Estimule visualizações coletivas de todo o material coletado, provoque complementações e faça conexões com essa leitura do mundo, destacando sua influência e impacto.